



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES**

DENISE SOUTO PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PESSOA NEGRA NOS ALUNOS
AFRODESCENDENTES DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E
MÉDIO ANTONIETA CORRÊA DE MENEZES**

**GUARABIRA – PB
2014**

DENISE SOUTO PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PESSOA NEGRA NOS ALUNOS
AFRODESCENDENTES DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E
MÉDIO ANTONIETA CORRÊA DE MENEZES**

**Monografia apresentada ao Curso de
Especialização Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares da
Universidade Estadual da Paraíba, em convênio
com Escola de Serviço Público do Estado da
Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de especialista.**

Orientador: Carlos Adriano Ferreira de Lima.

**GUARABIRA – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P436c Pereira, Denise Souto

A construção da identidade da pessoa negra nos alunos afrodescendentes da escola estadual de ensino fundamental e médio Antonieta Corrêa de Menezes [manuscrito] : / Denise Souto Pereira. - 2014.

50 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Carlos Adriano Ferreira de Lima, Departamento de História".

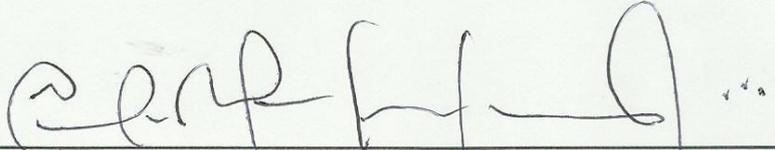
1. Racismo. 2. Discriminação. 3. Ambiente Escolar. I. Título.

21. ed. CDD 320.56

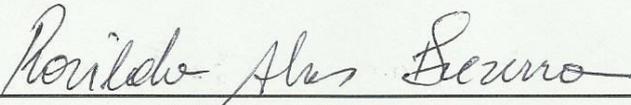
DENISE SOUTO PEREIRA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PESSOA NEGRA NOS ALUNOS
AFRODESCENDENTES DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO ANTONIETA CORRÊA DE MENEZES

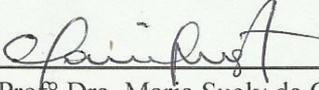
Monografia apresentada ao Curso de
Especialização Fundamentos da
Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares da Universidade
Estadual da Paraíba, em convênio com
Escola de Serviço Público do Estado da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de especialista.



Prof^o Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima
(Orientador)



Prof^o Dra. Rosilda Alves Bezerra
(1^o Membro)



Prof^o Dra. Maria Suely da Costa
(1^o Membro)

A Deus, provedor de todas as coisas, pelo presente magnânimo que é a vida.

Aos meus pais, Agenor e Ducarmo, por terem me transmitido os valores que hoje trago comigo.

Ao meu esposo, Antonio Carlos, pelo incansável incentivo, parceria e, sobretudo, paciência.

À minha pequena e amada Lorena pelo amor incondicional e pela felicidade suprema que me proporciona em ser mãe.

Aos amigos e irmãos, Deyse e Dilson, pelo companheirismo de sempre.

À minha sobrinha, Maria Júlia, por me alegrar nos momentos de desânimo.

Ao professor Carlos Adriano pelas maravilhosas aulas e pela dedicação durante o período em que me orientou.

A todos que lutaram para a concretização e reconhecimento dessa Pós-Graduação, pelo esforço em levar esse projeto a tantos profissionais, melhorando, assim a educação paraibana.

A todas que compõem o quadro funcional da Escola Estadual Antonieta Corrêa de Menezes pelo apoio durante o curso e para a elaboração deste trabalho.

Aos alunos que são o alvo principal deste projeto.

Aos amigos Roberto Rodrigues, Iolanda Pereira e Cícero Braz pela cumplicidade e apoio.

Trabalhar na construção e na consolidação de uma identidade que se exprimirá através de uma nova linguagem, que se nutrirá da seiva da herança africana, será a melhor forma de desmascarar a visão estereotipada que se tem do negro. Um novo discurso do negro inaugurará esta passagem da negritude à negridade e se constituirá num instrumento legítimo da reconquista de sua dignidade.

(BERND, 1984, p. 56)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem por objetivo levar à comunidade escolar uma discussão acerca do tema abordado: “A construção da identidade negra dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonieta Corrêa de Menezes, apresentando-o para suscitar uma nova consciência entre todos os envolvidos no ambiente escolar. A partir dos argumentos teóricos de Cavaleiro (2001), Santos (2005); Munanga (2006); Gesser (2001, p.16), Silva (2001, p. 75), Brasil (2005, p.12), entre outros, que defendem a aplicação da prática anti-racismo no nível fundamental de ensino. A pesquisa foi realizada no espaço físico da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonieta Corrêa de Menezes, onde foram entrevistados: Diretora, Professores, pais de alunos, alunos, auxiliares e merendeira, e, em sala de aula com alunos matriculados no 7º ano do ensino fundamental da já mencionada escola. Onde num universo de 30 pessoas entrevistadas, criou-se um debate sobre o tema com o objetivo precípua de instigar a comunidade escolar a discutir a existência do racismo no Brasil, no ambiente escolar e sua desconstrução nos dias atuais, fazendo uma análise das teorias causadoras da discriminação racial na sociedade brasileira, bem como em rápida análise difundir as diferentes concepções que os educadores da instituição pesquisada criaram sobre o racismo e como atuam diante destas situações em seu ambiente de trabalho.

Palavras-chave: racismo, discriminação, nova consciência, desconstrução, ambiente escolar.

ABSTRACT

This research aims to bring the school community a discussion of the subject: "The construction of black identity of the students of the State Primary School and Middle, Antonieta Corrêa de Menezes, introducing him to raise a new consciousness among everyone involved in the school environment. From the theoretical arguments of Knight (2001), Santos (2005); Munanga (2006); Gesser (2001, p.16), Silva (2001, p. 75), Brazil (2005, p.12), among others, argue that the application of anti-racist practice in basic schooling. The survey was conducted in the physical space of the State Primary School and Middle, Antonieta Corrêa de Menezes, where we interviewed Director, Teachers, parents, students, students, assistants and lunch box, and in the classroom with students enrolled in the seventh year of primary school the aforementioned school. Where in a universe of 30 people surveyed, it created a debate on the subject with the primary objective of instigating the school community to discuss the existence of racism in Brazil, in the school environment and its deconstruction today, making an analysis of causative theories racial discrimination in Brazilian society and spread rapidly analyzing the different approaches that educators of the research institution created on racism and how to act on these situations in your working environment.

Keywords: racism, discrimination, new consciousness, deconstruction, school environment.

SUMÁRIO

1.	Introdução	1
2.	Revisão Bibliográfica	3
2.1	Análise do Histórico do Negro; suas dificuldades e conquistas.....	3
2.2	Contextualizando a História do Negro Relacionando o seu Passado com a Sociedade Presente.....	5
2.3	O Preconceito Racial na Escola.....	8
3.	A Construção da Identidade Afrodescendente e o Papel da Escola	11
3.1	Instauração de um Pedagogia Anti-racista.....	19
4.	Metodologia	22
5.	Análise e Discussão dos Resultados	23
6.	Considerações Finais.....	35
7.	Referencias Bibliográficas.....	37
	Anexos	

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é o resultado de questionamentos que intrigam essa subscritora no tocante à função da instituição escolar no que concerne a formação da identidade do alunado afro descendente. Essa foi a maior aspiração que motivou o desenvolvimento desta pesquisa sobre o relacionamento entre docentes e discentes afro descendentes no cotidiano escolar, problemas esse resultado de um desgastante processo histórico extremamente segregacionista.

No contexto atual, os ranços de uma cultura eurocêntrica e burguesa ainda se fazem presentes no ambiente escolar, que reproduz de maneira tradicional essa ideologia preconceituosa. Para modificar esta realidade é necessário “romper com uma estrutura pré-estabelecida pelas elites” (MEDEIROS, 2004, p. 9), proporcionando a todos, negros ou brancos uma educação com princípios igualitários. Atualmente, em diversas regiões do território brasileiro, os estados por meio de suas secretarias educacionais têm fornecido subsídios para a mudança desse paradigma através de conteúdos voltados para a diversidade étnica e da história da África ministrada nos cursos de capacitação dos professores.

Visando contribuir com este propósito, o presente estudo objetivou uma reflexão sobre as práticas pedagógicas apresentadas nos trabalhos de Kabengele Munanga (2006), Ricardo Franklin Ferreira (2000), Erickson (1976), Pierre Bordieu (2010), Eliane Cavalleiro (2001), Otaiza Romanelli (1978), Júlio José Chiavenato (1994), Telma Wiez (1999). Eneida de Almeida dos Reis (1997), entre outros grandes colaboradores que ajudaram a preencher as lacunas pertinentes ao presente estudo.

Munanga (2006, p. 128), ajudou a compreender a evolução de práticas discriminatórias em torno dos indivíduos afrodescendentes ao longo da história, enquanto Ferreira (2000, p. 47) e Erikson (1976), fizeram entender a constituição da identidade do aluno afro por meio de estágios. Por outro lado, Cavalleiro (2001, p.175), Romanelli (1978, p. 36) e Bordieu (2008, p. 25), apresentaram as dificuldades com que nossos educadores possuem quando o assunto a ser tratado em sala de aula é a diversidade étnico-racial. O duplo preconceito em torno do mestiço no Brasil foi esclarecido através dos trabalhos de Chiavenato, Weiz e Reis,

pesquisas essas consideradas por educadores a exemplo de Ciampa como verdadeiras obras de arte. A pesquisa está dividida em dois capítulos, sendo que no primeiro capítulo destaca-se a educação no Brasil; Colônia, Império e República bem como uma contextualização com a atualidade, falando da situação educacional desde o tempo da escravidão, quando o negro era visto como um produto, destacando suas formas de resistência, a maneira errônea com que os educadores tratam assuntos voltados para a diversidade étnica em sala de aula;

Assim, para melhor compreender a crise identitária por que perpassa o negro no país, sentimos a necessidade de estudar a origem dessa terminologia, para se descobrir o porquê que muitos alunos, adolescentes e jovens, negam sua identidade. A luz das concepções dos filósofos das luzes, a ideologia do embranquecimento e da democracia racial, o preconceito racial, a discriminação sofrida por estes na sociedade vigente e a definição de sua tão desejada identidade.

A assunção da identidade racial se constitui em um grave problema para o estereotipado, uma vez que o preconceito racial permeia a sociedade. Não obstante, os bancos escolares não se eximem desse processo, e há muito, têm sido palco do opróbrio por que passam os afrodescendentes. A população negra brasileira (que o Almanaque Abril considera como soma de pretos e pardos) chega ao século XXI sem o mesmo padrão de vida nem as mesmas oportunidades da população branca.

Sua ascensão econômica e o exercício de seus direitos ainda são restritos pela dificuldade de acesso à educação, à saúde, ao mercado de trabalho e a melhores salários. O indicador que melhor registra a condição do negro no país é a situação do mercado de trabalho.

Este estudo visa apresentar expectativas preliminares de um resultado de pesquisa que tem como temática “identidade racial”, como objetivo geral de levantar os principais fatores que levam o jovem a abnegar a própria identidade racial, especificando um histórico que delimita o perfil do negro: As dificuldades, lutas e conquistas; contextualizar a história do negro com a sociedade atual, expondo as consequências das conquistas; apresentar a luta dessa raça pelo direito à igualdade e dignidade.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Análise do histórico do negro: suas dificuldades, lutas e conquistas.

O racismo tem sua gênese há 2000 anos a.C, segundo alguns historiadores, existe uma inscrição acima da segunda catarata do Nilo no Egito, que menciona que a partir daquele marco fica proibida a passagem de negros, exceto com o propósito comercial (AZEVEDO, 1987, p. 23). Há controvérsia a respeito da dita inscrição, pois em outras histórias afirma-se que as escrituras próximas ao Nilo nada mais eram que a proibição da passagem dos “núbios”, antigos inimigos dos povos egípcios, traduzida de maneira errada pela visão preconceituosa dos europeus (LOPES, 2007, p.16).

O racismo, desde os tempos antigos, é basicamente uma rejeição daquela pessoa que é diferente de nós. Segundo o historiador Heródoto, os antigos egípcios evitavam a companhia de pessoas de rosto claro e cabelos ruivos, como alguns gregos, por considerá-las maléficas; os persas por sua vez, consideravam-se absolutamente superiores ao resto da humanidade; [...] (LOPES, 2007, p. 18).

Então se conclui que há uma ideia de superioridade quando, por meio de práticas racistas, existe a intenção de tornar menor o outro, seja ele de outra classe, cor, nacionalidade, etnia.

[...] o racismo é uma ilusão de superioridade. O racista se acha superior àquele a quem se compara: ele nasceu pra mandar e o outro, visto como inferior a ele, para obedecer. O racismo, então, é antes de tudo é uma expressão de desprezo por uma pessoa. Às vezes não por causa de suas características, mas por aquela pessoa pertencer a outro grupo (LOPES, 2007, p. 19-20).

Aristóteles, grande pensador da filosofia clássica, também chegou a definir de forma preconceituosa, o mundo como gregos e o resto, sendo o resto considerado bárbaros, selvagem e escravos natos (AZEVEDO, 1987, p. 24).

O mundo antigo está cheio de denominações racistas. Platão (428- 348 a.C), em sua obra a “A republica”, define um estado ideal onde os melhores se relacionam com os melhores, o ouro não se mistura ao bronze (PLATÃO, 2007, p. 242). Isso

mostra a preocupação dos filósofos gregos com a pureza, preocupação essa que sempre gerou segregação daqueles ditos bárbaros.

Na antiguidade o racismo sempre foi revelado na forma de escravidão, tanto pelos gregos, os egípcios, os babilônios ou até mesmo pelos romanos, com a caracterização de inferioridade do outro, mas no caso dos romanos, nos últimos dois séculos do império inicia-se uma relação amistosa entre Senhor e escravo, fruto do cristianismo e da degradação do próprio império (WEDDERBURN, 2007, p. 53).

Quando o cristianismo finalmente toma as rédeas do império romano, a ordem passa a se evangelizar todos os povos. Dessa forma surgem então vários líderes dispostos a catequizar aqueles tidos como outro e pluralizar o cristianismo por todas as hordas bárbaras existentes na época (SILVA, 2007, p. 89). A discriminação então, nesta época passa a ser religiosa e começa atingir todos que não fossem cristãos. Aqueles que não fossem cristãos eram discriminados e até perseguidos, os judeus, por exemplo, passaram a ser perseguidos pelo grande poder do cristianismo:

Com o advento do cristianismo, os judeus passaram a ser acusados de responsáveis pela crucificação e morte de Jesus. Mas segundo o filósofo Francês Jean-Paul Sartre, essa acusação seria apenas uma estratégia e propaganda cristã, já que o suplício da cruz era criação dos romanos, e Cristo, na época considerado um agitador político, foi sabidamente executado pelo poder colonial romano (LOPES, 2007, p. 49).

Durante esse período ocorrem as cruzadas, denominada uma guerra santa que dá continuidade a uma sequência de atrocidades racistas cometidas principalmente contra os judeus (LOPES, 2007, p. 50). Também era atribuída a eles a culpa do surgimento de pragas e doenças existentes naquela época (LOPES, 2007 p. 51).

E essa influência racial e religiosa perdurará até o fim da idade média. Tendo em vista, as exemplificações apresentadas, é possível concluir que, ao longo da história da humanidade, foram encontradas várias manifestações de racismo e que, embora estas manifestações tenham feito o julgamento de povos diferentes, há um princípio que se preserva: o racismo surge a partir da caracterização do outro, que é diferente de um povo que se entende como dominante (seja ele, grego, europeu, cristão), ou seja, trata-se da busca pela superioridade de um grupo de pessoas que se percebem como melhores e por isso tendem a inferiorizar aqueles que são diferentes.

2.2 Contextualizando a história do negro relacionando o seu passado com a sociedade presente

A população negra no Brasil tem sido alvo de julgamentos negativos, tanto em seu comportamento e quanto nas suas idéias, mesmo antes de tomar as iniciativas. O trabalho de educação antirracista deve começar muito cedo. A criança negra deve se ver como negra e aprender a se aceitar como tal.

Por isso, a escolha de materiais didáticos e paradidáticos tem que ser cuidadosa de forma que estes materiais contenham protagonistas (heróis e heroínas) negros. O ambiente escolar através de seus materiais bem escolhidos deve provocar mudanças nas convivências dos educandos, de forma que quebre a maneira estereotipada da imagem do negro enquanto protagonista de sua história e participante ativo na construção e formação da sociedade brasileira. Conforme Cavaleiro a escola e suas literaturas devem promover:

O reconhecimento positivo da diversidade racial, [...] impele profissionais de educação escolher materiais didáticos e de apoio que contemple a diversidade racial na sociedade. (CAVALEIRO, 2001, p.175).

Sabe-se que os negros já alcançaram importantes conquistas na educação. Há sinais concretos de mudanças nas relações inter-raciais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) orientam a promoção da igualdade em um dos temas transversais, Pluralidade Cultural. Outro passo significativo para o ensino foi a publicação da lei 10.639/03, como afirma Cavaleiro:

“A nova legislação que tornou obrigatório o ensino de história da África e dos Afro -brasileiros no Ensino Fundamental e médio rompe com a ordem dos currículos ao propor um renovado conhecimento científico contrário a superioridade da produção cultural européia”. (Revista Nova Escola, 2004, p.50).

Esta legislação determina que a história da África seja tratada numa perspectiva positiva para o povo brasileiro. As marcas da cultura Africana devem ser ressaltadas particularmente nas disciplinas de Artes, literaturas e história do

Brasil, fazendo-se necessário relacionar materiais didáticos capazes de contemplar conteúdos determinados pela lei. Diante de tal exigência, devemos ter uma atenção especial aos utilizados no contexto escolar, para que de fato sejam contempladas as exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e o ensino da história e Cultura Afro-brasileira e Africana, visando o:

Reconhecimento, valorização e identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas, da nação brasileira, ao lado das indígenas e asiáticas. (BRASIL, 2005, p.12).

Atualmente a busca de bibliografia sobre o assunto, a discussão em grupo de estudo, melhor acesso a material e a criação de cursos de formação sobre temática racial na educação já estão acontecendo. Uma das orientações da Lei 10.639/03 é contar com os membros do movimento negro para elaborar projetos pedagógicos. A escola é o espaço privilegiado para a produção do conhecimento. E se esta não estiver composta por professores que estejam sempre alertas para identificar os vários estereótipos que esses materiais didáticos e paradidáticos possam apresentar, esta estará contribuindo com a disseminação do racismo dentro dela. A escola deve ser um espaço acolhedor tanto para crianças brancas, negras, indígena, de forma que promova o conhecimento de si mesma e o encontro com o diferente.

O espaço escolar deve promover aceitação, discussões, diálogo e questionamentos. O Brasil é a segunda maior nação negra do mundo, atrás apenas da Nigéria, foi um dos países que mais escravizou índios, e africanos e o último a abolir formalmente o regime de escravidão. Durante mais de três séculos e meio de escravidão, não apenas escravizou com a força aplicada aos castigos. As crenças nas teorias racistas foram as que mais escravizaram, sendo utilizadas para justificar a inferioridade dos negros africanos, o domínio de determinados povos e os genocídios que ocorreram durante toda a história da humanidade. Uma delas foi a publicação da obra “A origem das espécies” do biólogo Charles Darwin, a partir dos anos 1859, que atestava a existência de uma raça inferior (negros) e uma superior (brancos).

Para alguns historiadores gregos, nos séc. XI e XII, os negros eram considerados seres que se alimentavam de gafanhotos e de cobras, partilhavam as

mesmas mulheres e se comunicavam através de gritos como os morcegos. Essas descrições da época fez com que os africanos fossem comparados aos animais selvagens. No final do sec. XIX (1880) e início do sec. XX (1920) o movimento de Eugênia tinha como objetivo manter uma raça pura. Quando o antropólogo Francis Galton dedicou sua vida aos estudos da inteligência, a crença estabelecida era de que vários aspectos observados no comportamento humano eram considerados hereditários.

No Estado da Virgínia, em 1924, cria-se a lei determinando a esterilidade de certas raças (18 mil negros foram esterilizados). “Da mesma forma como ocorreu nos Estados unidos e em outros países, as premissas do movimento de Eugênia trouxeram as explicações de fenômenos raciais ao Brasil” (GESSER, 2001: p. 16).

O abismo racial compara as condições de vida, emprego e escolaridade entre negros e brancos que comprovam a existência da grande desigualdade racial do nosso país. Essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada à exclusão social e a desigualdade socioeconômica, que atinge toda população brasileira de modo particular, os negros.

No nosso cotidiano, nos deparamos com situações racistas cuja prática vai criando ideologias e passando de pai para filhos de forma que a aceitação vai acontecendo de maneira natural.

As reações podem ser as mais diversas dimensões como a possibilidade de diferenciação entre os seres humanos, a escravidão, o racismo, a luta política pela afirmação da identidade negra e as imagens constituídas e mantidas sobre o “ser negro” e “ser branco” em nosso país. (MUNANGA, 2006, p. 128).

A construção de um país inegavelmente miscigenado, marcado pelo antagonismo e pela imprevisibilidade. Da inter-relação cultural entre os portugueses, o índio e o negro africano, esse contato desencadeou alguns desencontros. As diferenças se acentuam levando à formação de uma hierarquia de classes que deixava evidente um distanciamento do prestígio social entre colonizadores e colonos. Os índios, e em especial os negros, permaneceram em situações sociais vivendo ao relento da vida, tornaram-se alheios ao exercício da cidadania. As consequências desses atos racistas favorecem a fragilização e negação de identidade coletiva, as quais estão contidas toda historiografia e valores culturais.

2.3 O preconceito racial na escola

Diversos autores preocuparam-se com a relação entre racismo e educação, desenvolvendo pesquisas nessa linha. Uma delas foi realizada por Gusmão (1999), com crianças pobres de periferia urbana ou do meio rural, e tinha como objetivo verificar de que forma estigmas e estereótipos se fixam na vida do negro. Para tal, foram analisados desenhos nos quais foi possível observar como se estrutura o mundo simbólico e de que forma as crianças olham o mundo e são olhadas por ele. No universo investigado, incluiu-se também o sistema educacional.

Por meio dos desenhos, foi possível observar qual a compreensão tida pelos dois mundos: brancos/negros. O branco foi representado como vinculado ao que é civilizado, urbano, bem apresentado, sorridente, enquanto o negro seria o inverso: meio rural, ligado ao trabalho físico, desprovido de dinheiro e de possibilidades. A imagem do negro é mutilada de atribuições positivas, é representada pelas crianças como um mundo triste, marcado pela violência e pela distância real e simbólica entre brancos/negros.

Cada população parece ter seus lugares bastante delimitados no imaginário coletivo, transbordando para o convívio social. Algumas crianças mostraram-se hostis frente a essa postulação, demonstrando a sua indignação contra conteúdos discriminatórios. Mas, haveria ainda os que se "adaptam" ao discurso do opressor, percebendo-se como selvagens, sem humanidade, impossibilitados de protestar contra sua condição por se sentirem amordaçados pela internalização maciça dos padrões dominantes.

Em outra pesquisa realizada com crianças de escola pública de Campinas, Oliveira (1994) investigou como eram estabelecidas as relações entre crianças negras e brancas em uma sala de aula. Foi observado que os dois grupos se relacionavam de modo tenso, segregando, excluindo. A criança negra mantinha-se em uma postura introvertida, recusando-se em muitos momentos a participar das atividades propostas, com medo de que os *outros* rissem dela, ou seja, para não ser rejeitada ou ridicularizada, ela preferia calar sua voz e sua dor. Isso ilustra o quanto uma situação social pode silenciar as crianças negras, reduzindo-as a um estado

quase de mutismo e invisibilidade em sala de aula, levando-as a profundo desconforto, intensificado pelo sentimento de não-pertença.

Em atividade proposta em sala de aula, foi solicitado às crianças que falassem sobre si em uma redação. A criança negra se auto-referia de modo depreciativo, descrevendo-se a partir do discurso dos seus colegas: "feia, preta, fedorenta, cabelo duro". Não se sentia desejada, portanto, pelos meninos como as suas outras colegas que tinham um cabelo grande e liso. A criança negra poderá ser submetida a uma violência simbólica, manifestada pela ausência da figura do negro no contexto escolar, ou pela linguagem verbal – insultos e piadas – proveniente do seu grupo social, demonstrando de modo explícito o desrespeito dirigido a essa população, aprendido muito cedo pelas crianças brancas.

A criança negra poderá incorporar esse discurso e sentir-se marginalizada, desvalorizada e excluída, sendo levada a falso entendimento de que não é merecedora de respeito ou dignidade, julgando-se sem direitos e possibilidades. Esse sentimento está pautado pela mensagem transmitida às crianças de que para ser humanizado é preciso corresponder às expectativas do padrão dominante, ou seja, ser branco.

Esses estímulos de branquitude são em geral transmitidos pelo sistema social e, às vezes, pela família. Tal tipo de ação conduz não apenas à desvalorização do "eu", mas também acarreta intensa angústia, porque a criança não consegue corresponder às expectativas. Assim, a identidade da criança negra passou a ser lesada: ao se voltar para o seu próprio corpo, as crianças encontram as marcas da exclusão, rejeição e, portanto, insatisfação e vergonha. A população negra poderá acabar por negligenciar a sua tradição cultural em prol de uma postura de embranquecimento que lhe foi imposta como ideal de realização. Esse posicionamento foi decorrente da internalização de que "embranquecer" seria o único meio de ter acesso ao respeito e à dignidade. Esse ideal de embranquecimento faz com que a criança deseje mudar tudo em seu corpo.

No discurso de uma das crianças entrevistadas, Oliveira(1994) salienta uma frase: "Eu queria dormir e acordar branca do cabelo liso". A fala dessa criança leva a supor que seria como acordar de um pesadelo, povoado de insatisfação, vergonha e rejeição. A criança não entende nem é entendida nesse sistema educacional, que parece reproduzir o padrão hegemônico, estigmatizando a criança negra como incapaz, rebelde.

Essa postura é ainda reafirmada pela linguagem não-verbal, quando estudos demonstram que parece haver uma ausência de contato físico afetivo dos professores para com as crianças negras, demonstrando a rejeição do seu grupo social e causando-lhes sofrimento. A sua dor não é reconhecida, havendo uma aparente falta de acolhimento por parte das pessoas "autorizadas" (educadores), que silenciam ou se omitem em face de uma situação de discriminação. Tal postura denuncia a banalização do preconceito e a conivência dos profissionais com ele (Romão, 2001). Em uma das conversas informais com um professor da rede municipal de ensino que se intitula negro, o mesmo ratifica a propositura de Romão (2001), supramencionada. Segundo ele:

“O primeiro dia de aula de uma criança negra é fundamental na sua vida, é o momento em que ela está começando a cortar o cordão umbilical da família, onde vai passar o maior tempo longe do aconchego do lar e a forma como ela é recebida pela professora vai impactar positiva ou negativamente na sua vida estudantil. Pois a se não sentir a “proteção” que tem em casa; o carinho e a atenção” nesse primeiro momento vai se sentir rejeitada. E isso acontece muito, porque muitos professores discriminam alunos, pela posição social: a é filho de fulano de tal, então se dá uma atenção especial e as crianças negras, na grande maioria são oriundas de famílias desprovidas de recursos, vão ficar sempre escanteadas”. (Acervo da autora: Conversa informal realizada em 20 de abril de 2014).

3. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRODESCENDENTE E O PAPEL DA ESCOLA

O processo de construção da personalidade do afro-descendente, é muito complexo, pois essa problemática está entranhada nas nossas raízes que no passado bem remoto, data-se da época da colonização, quando se deu início à construção de uma cultura de desconstrução de identidades de indivíduos de pele com a pigmentação, a cultura e a religiosidade diferenciada da europeia, matriz colonizadora da época.

O índio foi a primeira vítima do preconceito racial no nosso país. O contato dos índios brasileiros com os portugueses foi extremamente prejudicial para os primeiros; enganados, explorados, escravizados e, em muitos casos, massacrados e exterminados pelos portugueses. Perderam terras e foram forçados a abandonarem sua própria cultura em favor da europeia. Embora muitas nações indígenas tenham enfrentado os portugueses através de guerras, ficaram em desvantagem, pois não tinham armas de fogo como os portugueses.

Na realidade a história do Brasil é contada por muitos e de diversas formas, no entanto a história do negro no nosso país, sempre foi de sofrimento e luta, por se achar instalado no Brasil um sistema que escravizava os povos vindouros da África (negros), para manter uma burguesia de brancos na Europa. A situação que os negros encontraram no Brasil foi de repressão, opressão e trabalho escravo, condição subumana de vida em senzalas, ambiente próprio para desenvolver no povo um ar de inferioridade, na cultura, na religião, na vida em geral, daí o porquê de hoje se ver a luta por resgate de valores negros, visto que a cultura negra tem muito a nos oferecer e ao mundo civilizado, isto é àqueles que sabem respeitar as diferenças em todos os âmbitos ainda que não comunguem desta.

Este estudo tem por objetivo mostrar de forma direta e prática, como as relações étnico raciais no âmbito escolar interferem na construção social do indivíduo negro, sobretudo enfatizando questões como religião, condição econômica e social e alguns aspectos culturais que são fundamentais para percebermos o quanto e como o processo dialético que é por excelência palco de contradições circunstanciais caracterizados pela desigualdade e mediado pela diferença poderá se tornar benéfico ou traumático para o ser em pleno exercício de formação

enquanto indivíduo existente.

A construção social dos indivíduos no âmbito escolar tem em sua matriz uma ampla discussão que toma corpo e abrange uma série de outras temáticas que estão entrelaçadas dentro de várias perspectivas teóricas, mas, que de alguma forma, convergem para um ponto em comum, ou seja, dialogam com certa cumplicidade ou que também indiretamente circulam de diversas formas as causas pertinentes ao debate.

Contudo, sob a égide de uma discussão teórica de conceitos como igualdade, desigualdade e diferença que serão de extrema importância para entender as relações sociais que serão expostas para levarem a cabo a diferenciação étnico-racial que está imbricado dentro do bojo das relações estabelecidas dentro da escola, sobretudo por que, a escola é uma reconfiguração das relações que são de certa forma criadas fora dos muros das instituições de ensino, porém, a diversidade social econômica e cultural abarcada pela escola acaba por si só gerando uma série de conflitos que podem ser elemento que do diferente faz-se necessário atentar para as palavras ditas por Pereira (1987):

[...] a escola é fundamental na construção da identidade da criança afrodescendente, porém alimenta subliminarmente a figura do “negro caricatural” [...] em vez de corrigir a escola estimula os estereótipos sociais e a submissão do afro-descendente aos valores brancos. (PEREIRA, 1987, p. 41)

Para o autor, o espaço escolar reproduz um modelo de educação européia que ao longo da história vêm influenciando de forma negativa a formação da identidade do estudante afrodescendente. Contribuem para esse retrocesso, os meios de comunicação, a falta de conteúdos voltados para a cultura afro-brasileira, professores inadequadamente preparados e livros didáticos cuja produção textual é tendenciosa onde temas como a escravidão são encarados “como um simples experiência civilizatória” (LEAKEI, 1982, p. 131).

Munanga e Gomes (2006), ao analisarem os conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação, assuntos estes voltados para a história do povo africano alertam que esses temas “são apresentados de modo distorcidos ou de forma estereotipada”. Ambos concordam que: Essa maneira distorcida de olhar a África e seus povos pode ser ilustrada pelos antigos filmes de Tarzan e pelas informações divulgadas pela imprensa escrita e falada ou pelas mídias eletrônicas de modo geral,

nas informações veiculadas, focalizam-se, por exemplo, as chamadas guerras tribais ou calamidades naturais e as doenças como AIDS e outras endemias que dizimaram anualmente milhões de africanos (MUNANGA e GOMES, 2006, p. 18).

Compartilhando a idéia do casal de educadores, Nascimento (2001) relata que a imagem sobre a África, ou a omissão sobre ela nos currículos escolares brasileiros reforça de certa forma a idéia da supremacia racial, podendo causar um impacto tão devastador, “sobre a identidade afrodescendente enquanto à supremacia religiosa como “cultura arcaica” ou “culto animista”, quando não “obra do diabo” (LARKIN, 2001, p. 125).

Em síntese, tornam-se rotineira informações do tipo: “dos dez países mais pobres do mundo, nove situam-se na África”; ou ainda, “a expectativa de vida na maior parte dos 53 países africanos gira em torno de 40 anos” e, que campanhas estão sendo promovidas para arrecadar remédios, alimentos e água potável para amenizar os problemas das centenas de milhares de famintos existentes no sofrido continente africano.

Cabe à escola modificar esse quadro, para isso seria necessário, que o estado investisse na formação dos professores, fazendo com que este compreendam a influência dos afrodescendentes na culinária, no esporte, dança, enfim, na cultura brasileira e conseqüentemente na constituição da população deste extenso país. Esse comprometimento por parte da escola contribuirá para o surgimento de uma identidade positiva com relação aos estudantes afrodescendentes, caso contrário, os danos no que tange seu futuro podem ser irreparáveis.

NOGUEIRA (2005, p. 64), que realizou estudos nesse sentido, alerta: vários estudos têm demonstrado a existência de uma correlação positiva entre uma identidade bem construída, com o auto conceito elevado, e o bom desempenho acadêmico. Em contrapartida, porém, isso significa que sucessivas experiências de fracasso escolar podem levar um aluno à auto desvalorização prejudicando o pleno desenvolvimento de sua identidade.

Reportando-nos à história do negro e da escola no território brasileiro, podemos assim compreender a dificuldade que o mesmo sofre quando o assunto tratado é a construção de sua identidade. Segundo Salvador (1987, p. 99) a imagem negativa referente ao negro iniciou-se em 1.444 quando os portugueses transportaram os primeiros grupos de escravos da Guiné para Portugal. Logo, não

demorou muito tempo para o governo e a igreja perceberem o quanto lucrativo seria esta nova forma de comércio, assim, os papas Sisto e Calisto, através de suas bulas papais “abençoaram” a escravidão ao afirmarem que na África “as únicas coisas a serem exploradas seriam o outro e os escravos”. Iniciava-se assim o martírio do povo africano, sofrimento este que perduraria ao longo da história causando seqüelas irreparáveis na população afrodescendente por várias gerações. Esse suplício no qual os negros foram submetidos em quase todo o mundo, iniciou-se no Brasil em 1533 quando da chegada dos primeiros africanos nesta nação. Como surgimento de uma lei criada na década de 1530 que beneficiaria todo aquele cidadão que por ventura possuísse engenho no país, rapidamente tornou-se crescente os pedidos através de documentos escritos pela importação de cativos para o Brasil. Assim, pelo alvará de 29 de março de 1559, [...], o rei D. Sebastião decidiu, enfim, fazer mercê aqueles que tinham construído engenhos no Brasil, permitindo-lhes trazer do Congo até 120 peças de escravos resgatados a seu custo (BUENO, 2003, p. 115).

Portanto, graças a esta isenção de impostos dada pelo governo português aos proprietários de engenhos estava iniciando o tráfico de escravos em grande escala. A partir da chegada de um elevado contingente de escravos, a educação na então Colônia Portuguesa recebeu uma atenção especial, voltado para a importação de idéias oriundas da cultura medieval européia, aplicados aqui pelos então representantes de Deus, os jesuítas.

Os jesuítas desenvolveram um papel marcante na história da educação em nosso país, sendo eles os pioneiros a criarem um modelo de educação segregacionista. Ou seja, para a historiadora, os jesuítas fizeram com que a então sociedade latifundiária e escravocrata copiasse hábitos e costumes da camada nobre portuguesa, tornando-se mais tarde uma sociedade elitizada recebendo assim a nomenclatura de aristocrática (ROMANELLI, 1978, p. 36).

O modelo de educação aplicada no Brasil pelos jesuítas entre os séculos XV até meados do século XVII, quando foram expulsos, visava educar uma minoria privilegiada. Para estes privilégios, cabia o direito à educação e, mesmo assim, em número restrito, portanto deveriam estar excluídos dessa minoria as mulheres e os filhos primogênitos paternos [...], a escola era frequentada somente pelos filhos homens que não os primogênitos. [...] Era, portanto, a um limitado grupo de pessoas pertencentes à classe dominante que estava destinada à educação escolarizada

(ROMANELLI, 1978, p. 40).

O investimento no que concerne a educação para os filhos de escravos até o século XIX era praticamente inexistente, tendo em vista que o africano era visto apenas como uma mercadoria. Nem mesmo com a chegada da família real portuguesa no Brasil em 1808, os escravos usufruíram de algum benefício quando o assunto em questão era a educação, muito pelo contrário, a escola ficou ainda mais elitizada. Em 1834 é decretado o Ato Constitucional que delegava às províncias o direito de regulamentar e promover a educação do ensino primário e secundário em toda a nação, no entanto, uma série de problemas de ordem administrativa prejudicou o andamento dessa determinação imperial. Problemas relacionados a um falho sistema de tributação e de arrecadação impossibilitou, segundo Romanelli (1978) as províncias de criarem uma rede organizada de escolas. A consequência dessa situação é que o ensino nas escolas secundárias ficou a cargo de uma minoria de particulares que pressionados pela então classe dominante, os latifundiários escravocratas foram obrigados a modificarem o modelo de educação nacional, antes muito ligado ao lado religioso. Com isso, os colégios no decorrer do século XIX sofreram uma grande modificação, ou seja, transformara-se em simples cursos de preparação para o ensino superior.

Em 1854 o decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, [...] estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. O decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno [...] (BRASIL, 2005, p. 7). Em suma, foram criadas inúmeras estratégias ao longo do século XIX para impedir o acesso pleno da população negra brasileira aos bancos escolares, pois todos sabemos que era mais simples para um senhor dono de engenho ludibriar um escravo leigo do que um cativo com um mínimo de informação.

Historicamente o Brasil; Colônia, Império e República no aspecto legal infelizmente agiu de forma ativa e permissiva diante da grande discriminação e do racismo que atinge a população afro-descendente brasileira até os dias atuais. Ao analisar o período escravagista no Brasil e a questão da identidade da criança afro-descendente, Medeiros (2004, p. 10) relata que: A identidade da criança afrodescendente, neste período escravocrata era formada pela negação em relação ao grupo étnico ao qual pertencia, em contrapartida, as crianças brancas revelavam

um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas, ofendendo a criança afrodescendente, atribuindo caráter negativo quanto à cor de sua pele.

GADAMER (1993 apud FERREIRA, 2000, p. 47) esclarece que “atitudes como essas das crianças brancas em relação às negras são frutos de uma visão deturpada das qualidades positivas dos africanos”. Ao longo da história esta desfiguração atribuída aos afrodescendentes criado pelo europeu colonizador ganhou uma nova roupagem, ou seja, a dificuldade do indivíduo afro conseguir a tão desejada ascensão social. Ainda segundo Gadamer (1993 apud FERREIRA, 2000, P. 47): Quando a criança “não branca” é de certa forma discriminada ela poderá ter dificuldades no desenvolvimento de sua identidade, pois ela será articulada em cima de alicerces simbólicos, associados à “inferioridade e outros valores vistos socialmente como negativos”.

Com isso, a criança afrodescendente poderá no decorrer de sua vida negar sua negritude, intervalorizando os valores estéticos da cultura branca européia e se auto desvalorizar, prejudicando dessa forma sua auto-estima. Vivemos em uma nação em que quanto mais evidentes forem os traços negroides em um cidadão maior será o preconceito que este receberá. Assim, tornam-se freqüentes os apelidos pejorativos, as piadas e as situações vexatórias envolvendo os alunos afrodescendentes em ambientes diversos, entre os quais o meio escolar.

Estereótipo do tipo: preto é feio; é macaco; é imagem do cão. Além de piadas como: “Preto parado é um toco, andando é suspeito, correndo é ladrão”; “Negro só era pra ter dois dentes: um para doer e outro para comer merda”. Estereótipos dessa natureza fazem da criança negra alvo de constantes chacotas. Fazzi (2004), autora do livro *O drama racial de crianças brasileira*, relata em seu trabalho várias situações envolvendo a intolerância racial principalmente no interior das instituições escolares. Para ela, o professor exerce uma função ambígua no tocante a formação da identidade do aluno afrodescendente, porque tem o poder de desmistificar o imaginário negativo relacionado à cultura africana como também pode fazer crescer ainda mais esta situação, através de palavras, atitudes ou pela omissão.

Entre as várias situações envolvendo docentes e discentes afrodescendentes, destacamos um episódio relatado no livro de Fazzi (2004) ocorrido no interior de um zoológico em uma cidade mineira. O macaco, de fato, atrai a meninada. Em frente aos chipanzés, Sebastião, 9 anos, moreno, mas considerado branco por seus

colegas, comentou, rindo com Diana, 10 anos, preta, “esses três aí podem ser seus irmãos”, saindo de perto dela logo que uma outra colega respondeu: “e seu também”. A professora reagiu, fazendo o mesmo comentário da criança: “e seu também, né?” (FAZZI, 2004, P. 149).

As comparações feitas através de piadas envolvendo pessoas negras com os primatas ocorrem porque a maior parte desses animais possui em sua grande maioria peles escuras e por ser também o macaco um animal que mais se aproxima do ser humano. Por outro lado, ficou evidente nessa citação o despreparo da professora ao responder sobre uma atitude irônica com o mesmo sarcasmo. Talvez fosse mais prudente por parte da educadora explicar para as crianças naquele momento, que para muitos estudiosos o ser humano descende dos ancestrais, macacóides tendo o continente africano como o “berço da humanidade”. Dessa forma, os educandos compreenderiam que todos nós, independente da etnia somos originários de um mesmo nascedouro.

A partir de análises de alguns trabalhos de Bordieu (2008), educador francês que produziu vários estudos tendo como foco a área da educação, podemos compreender a atitude da professora com relação àquela situação. Segundo ele, os professores deveriam compreender que possuem um poder diabólico de nomeação de constituição, que se exerce sobre a identidade dos adolescentes, sobre as imagens que têm de si próprios e que, desse modo, podem infringir grandes traumas em seus alunos (BORDIEU, 2008, p. 25).

Em uma de suas magníficas obras sobre a educação, Bordieu (2008) critica tanto a escola quanto os professores, porque para ele, ambos possuem poderes perigosos, poderes estes capazes de agir sobre a mente dos alunos.

Sobre a instituição escolar a perspectiva de Bordieu (2008, p. 25) afirma que ao “tratar de modo igual quem é diferente, a escola de alguma forma privilegia de maneira dissimulada, quem por sua bagagem familiar, já é privilegiado”. Na concepção do educador a escola faz valer o dito popular; excluir os excluídos e favorecer os favorecidos.

Pode-se dizer que uma escola como esta sutilmente avaliará seus discentes de forma desigual, ou seja, pela cor de sua pele, por seu sobrenome ou quem sabe pela posição social, no qual Bordieu (2008) denomina “juízo de valor”. Em síntese, o professor tornou-se um cúmplice de uma farsa criada pelo estado que em parceria com a escola seleciona e ao mesmo tempo segrega os alunos de forma perversiva.

A consequência desse fracasso escolar é a auto-desvalorização do aluno afrodescendente prejudicando assim o pleno desenvolvimento da sua identidade, visto que ela é constante.

Para um melhor entendimento da maneira pela qual é construída a identidade de um aluno afro-descendente é prudente utilizarmos os estudos de Erikson (1976) e Ferreira (2000). Ambos em suas respectivas pesquisas empregaram um modelo composto por estágios para poderem explicar o desenvolvimento da identidade do aluno afro. Ferreira (2000) para explicar esta questão utilizou como referência quatro estágios, denominado por ele como estágio de submissão, de impacto, de militância e de articulação.

Para Pinto (1987), o processo relacionado ao estágio de submissão inicia-se na escola, onde por meio de práticas e dos livros didáticos, a criança desenvolve e alimenta estereótipos negativos no que tange sua negritude. Ou seja, o estágio de submissão desenvolvidos por Ferreira é a fase onde o sujeito *black* se auto-renegasse se identificando com a cultura *white*. Muitos educadores desenvolveram trabalhos com o simples propósito de por fim a estas práticas e aos estereótipos negativos em relação a população afrodescendente.

Uma delas seria a utilização por parte dos professores da educação infantil de bonecas brancas e negras, com isso, possibilitaria entre as crianças o desenvolvimento do ideal de igualdade e ao mesmo tempo daria visibilidade à população negra. Para conseguir este objetivo é de suma importância que escola e os professores abandonem o improvisado, possibilitando desta forma a ênfase aos diferentes tipos de conhecimentos científicos e culturas diferenciadas.

Ao mudar de atitude, ambos conseguiriam acabar com um processo existente em nosso país, processo esse, “marcado pela sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos” (BRASIL, 2005, p. 15).

É importante ressaltar que as diferentes formas de discriminação de qualquer natureza existente em nossa sociedade não nascem exclusivamente na escola, entretanto, como nos alerta a ex-ministra chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Matilde Ribeiro, “o racismo, as desigualdades e as discriminações correntes na sociedade perpassam por ali” (BRASIL, 2005, p. 14).

Neste estágio as precárias condições sociais e econômicas vivenciadas por indivíduos afros possuem uma explicação, isto é, estes por sua vez, são pessoas

ineptas, pois não possuem capacidades para conseguir algo ou exercer determinada função. Para o autor, muitas dessas pessoas com uma identidade eurocêntrica tendem a acreditar na inferioridade dos sujeitos afro-descendentes, e as exceções, ou seja, aqueles que conseguem sobressair-se social ou profissionalmente são vistos como um “desvio de regra”.

Helms (1993 apud FERREIRA, 2000, p. 73) ao referir-se sobre o estágio de submissão nos mostra “como e por que os indivíduos afrodescendentes se auto-discriminam”. Para o educador existem “duas formas básicas de os afrodescendentes, nesse estágio, lidarem com os aspectos étnico-raciais, no qual são denominados por ele, de maneira ativa e passiva, respectivamente”.

A maneira ativa é referente à caracterização pelo fato de as pessoas negras idealizarem as características da cultura européia desvalorizando assim a sua negritude e conseqüentemente sua cultura. Essa negação é feita através de atitudes e comportamentos explícitos, relacionando os aspectos étnico-raciais afro a qualidades más.

3.1. Instauração de uma Pedagogia Antirracista

O processo transformador dessa sociedade inicia-se com a instauração na escola de uma pedagogia antirracista, capaz de criar nela um ambiente escolar propício ao respeito às diferenças, valorizando a diversidade e conseqüentemente a história e a cultura da população afrodescendente. A diferença entre os indivíduos é fundamental para a interação social que se consolidará em sala de aula: sem essa diversidade não seria possível a troca de experiências.

Numa sociedade tolerante e democrática a diversidade é a manifestação do ser único que cada um é. Somos diferentes uns dos outros do ponto de vista biológico, social, psicológico e cultural. Cada um é um indivíduo rico em possibilidades de crescimento na vida em sociedade. Cada ser humano é uma combinação de condições e qualidade que vão sendo atualizados e concretizados ao longo da existência de acordo com os relacionamentos, vivências e contextos de vida.

Em conversa informal com um ex-professor negro da Escola Estadual de Ensino Fundamental II e Médio Antonieta Corrêa de Menezes, o mesmo disse: “Essa sociedade em que vivemos onde “você vale pelo que você tem e não pelo que você é; o negro que se sobressai em todo o segmento dela, até mesmo na fase escolar ele ofusca a visão estereotipada do preconceituoso e passa a ser respeitado pela sua capacidade. A exemplo de Barack Hussein Obama (Presidente dos Estados Unidos); Joaquim Barbosa (Presidente do Supremo Tribunal Federal do Brasil) ; O saudoso Nelson Mandela (Ex-Presidente da África do Sul); Pelé (Rei do Futebol), entre outros;

Quando pensamos no ser humano, temos presente à questão de que somos todos diferentes uns dos outros. Somos homens, mulheres, crianças, jovens, adultos, idosos, brancos, negros, pardos, amarelos, vermelhos, baixos, altos, gordos, magros, empregados, desempregados, baianos, paranaenses, capixabas, cariocas, amazonenses, alagoanos, sergipanos, catarinenses; moramos em cidades grandes, médias, pequenas, no campo, na floresta; pessoas com necessidades especiais, pessoas sem necessidades especiais, católicos, evangélicos, presbiterianos, umbandistas, etc.

Em síntese, essas inúmeras características podem ser vistas como fatores de agrupamento e ao mesmo tempo podem ser pivôs de práticas excludentes por parte dos profissionais da educação, ou seja, o professor. É necessário que cada um reconheça nas diferenças uma posição de contato de igualdade com o outro, porque quando percebemos a diferença não conseguimos nos reconhecemos.

Ao adentrar no processo de reconhecimento de suas necessidades e na busca dos meios de satisfazê-los que o ser humano elabora o conhecimento e sua própria identidade, e essa satisfação garante a ele o vigor afetivo e psicológico para viver e desenvolver-se, compartilhando a vida sem preconceitos.

Creio que o objetivo fundamental da educação é primar pela formação do cidadão em todos os níveis de sua existência, de sua relação com o mundo e consigo mesmo.

Inserir conteúdos referentes à história da África e da cultura afro-brasileira no cotidiano escolar possibilitará tanto para o educando como para o educador a possibilidade de ambos tornarem-se sujeitos abertos ao mundo igualitário. Todavia, a grande dúvida existente entre os professores é como trabalhar a história do continente africano nas diferentes disciplinas do ensino fundamental e médio.

A socialização de conteúdos voltados à diversidade social bem como a elaboração e a aplicação dos mesmos, no cotidiano escolar, permitirá que em pouco tempo não tenhamos mais que presenciar a evasão escolar por parte do alunado afro-descendente. Sobre o papel da escola no contexto atual, afirma SILVA (1995):

Participar do gesto de enegrecer o mundo, eis uma meta essencial para a escola no Brasil, hoje. Enegrecer, não para absorver o branco. Enegrecer, maneira própria de os negros se porem no mundo, ao receberem o mundo em si. Enegrecer, face a face em que negro e branco se espelham, se comunicam, sem deixar de ser cada um o que é. (SILVA, 1995, p. 107)

4. METODOLOGIA

A partir dos argumentos de vários teóricos, essa pesquisa foi centrada sob a égide de uma revisão bibliográfica de cunho exploratória, em seu objetivo precípuo: Levantou os principais fatores que levam a um jovem a abnegar a sua própria identidade racial, oportunidade em que se discorreu também sobre a gênese do racismo, sua influência na cultura brasileira, no ambiente escolar e sua desconstrução nos dias atuais, fazendo uma análise às teorias causadoras da discriminação racial na sociedade brasileira, identificando o papel da escola nas relações étnico-raciais dos educandos, em análise às diferentes concepções que os educadores da instituição pesquisada têm sobre o racismo e como atuam diante destas situações em seu ambiente de trabalho.

Quanto aos Procedimentos elaborados em gabinete: Fichamento do material bibliográfico; Leitura de livros, revistas, artigos, pertinentes ao assunto; Tabulação e digitação dos dados. Visitas aos sites na rede mundial de computadores (Internet). Quanto aos procedimentos de campo: foram realizadas entrevistas, conversas informais e registros fotográficos. Partindo do pressuposto de que o Brasil é a segunda maior nação negra do mundo e um dos países mais escravocrata do mundo e o último a abolir formalmente esse regime, abominação chamada racismo, que precisa ser banida da nossa cultura, cuja prática existe desde o início da colonização do nosso país. Mediante esses fatos iniciou-se a presente pesquisa, sobre a temática: “Identidade Racial”. Numa longa e exaustiva busca através de leituras e entrevistas onde se traçou diretrizes para construção dessa linha de pesquisa.

5 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nessa pesquisa, para que chegássemos aos resultados obtidos, várias estratégias foram empreendidas no sentido de obtermos as informações necessárias à tabulação dos dados. Os resultados, ora apresentados, são procedentes da pesquisa realizada junto à Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonieta Correa de Menêzes do município de Pilões-PB, escola essa, fundada em 1968, à época, era uma escola privada denominada de Escola de XV de Novembro.

A mesma recebeu o nome de Escola Estadual de Ensino Fundamental Antonieta Corrêa de Menezes, por força do Decreto nº 9.629 de 21 de setembro de 1982 que a estadualizou, e a partir de 26/09/1994 quando da implantação do 2º grau (atual Ensino Médio) passou a ser denominada de Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonieta Corrêa de Menezes. A referida escola recebeu esta denominação em homenagem a Sra. Antonieta Corrêa de Menezes (in memoriam), a qual abrigava a escola em sua própria casa.

A escola encontra-se situada na Rua Luis Gregório, S/N, Conjunto Cristina Muniz, Pilões-PB. A mesma tem a frente de sua direção a professora Maria do Socorro de Souza. Atualmente encontra-se funcionando nos três turnos, atendendo alunos das Zonas Rural e Urbana.

Para realização da pesquisa de campo, elaborou-se um questionário contendo dez perguntas, sendo entrevistadas um universo de trinta (30) pessoas, dentre elas: diretor, professores, alunos, pais de alunos e funcionários da escola: porteiro, auxiliares e merendeiras.

Pedimos aos entrevistados que usassem da mais absoluta sinceridade em suas respostas, pois são pessoais e delas depende um estudo sobre como conscientizar as pessoas do mal que o racismo causa ao ser humano, tanto ao polo ativo (o que pratica), quanto ao polo passivo (o que sofre o preconceito). Deixando claro que as suas respostas permanecerão no mais absoluto anonimato.

Entrando no mérito das questões, com relação ao primeiro quesito: quando perguntado: O que entendes por racismo? Na concepção dessa subscritora, racismo é uma aberração, um sentimento desprezível, que causa repulsa em saber que um ser humano, criado a imagem e semelhança de Deus, seja hostilizado, renegado, discriminado, inferiorizado por outro, que por ter uma coloração na pele diferenciada

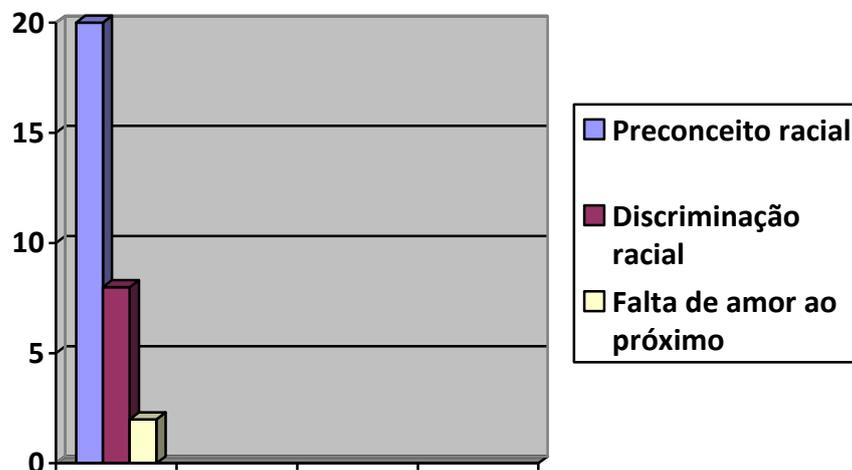
(branca) se julga superior . 20 pessoas, o equivalente a 66,7% dos entrevistados, disseram que é um forma de preconceito racial; oito pessoas, o equivalente a 26,7% responderam que é discriminação racial e duas pessoas o equivalente a 6,6% disse que é falta de amor ao próximo, conforme dados tabulados abaixo:

Tabela 01 - O que entendes por racismo?

O QUE ENTENDES POR RACISMO?	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Preconceito racial</i>	20	66,7%
<i>Discriminação racial</i>	8	26,7%
<i>Falta de amor ao próximo</i>	2	6,6%
TOTAL	30	100%

Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

Gráfico 01 - Representação gráfica do quesito de nº 01: O que entendes por racismo?



Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

No que se refere ao **segundo quesito**: quando perguntado: **Como Você percebe o racismo na sociedade atual?** Reportando a este questionamento, dezoito

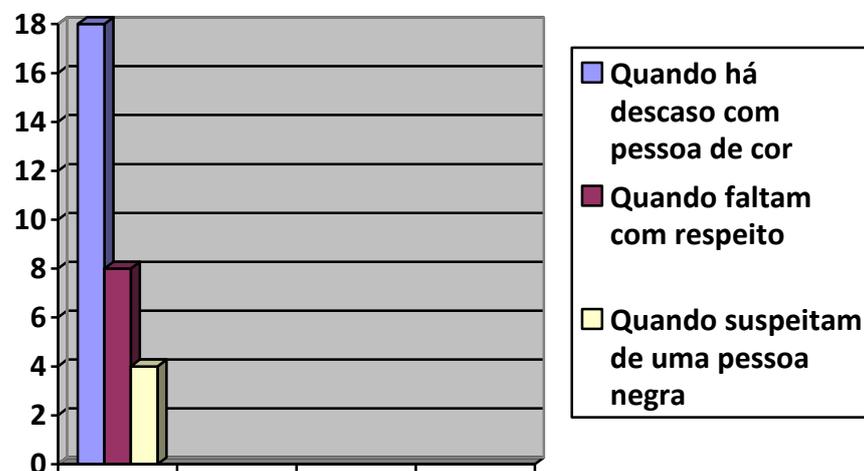
peças, o equivalente a 60% dos entrevistados disseram que quando há descaso com pessoas de cor; oito pessoas, o que equivale a 26,7%, disseram que quando faltam com respeito e 4 pessoas o equivalente a 13,3% responderam que percebem o racismo quando suspeitam de uma pessoa negra.

Tabela 02 - Como você percebe o racismo na sociedade atual?

COMO VOCÊ PERCEBE O RACISMO NA SOCIEDADE ATUAL?	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Quando há descaso com pessoas de cor</i>	18	60%
<i>Quando faltam com respeito</i>	8	26,7%
<i>Quando suspeitam de uma pessoa negra</i>	4	13,3%
TOTAL	30	100%

Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

Gráfico 02 - Representação gráfica do quesito de nº 02: Como você percebe o racismo na sociedade atual?



Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

Em se tratando do **terceiro quesito**: quando indagado: **Tens vivenciado situações de racismo em sua escola?** Em resposta a esta pergunta, vinte pessoas

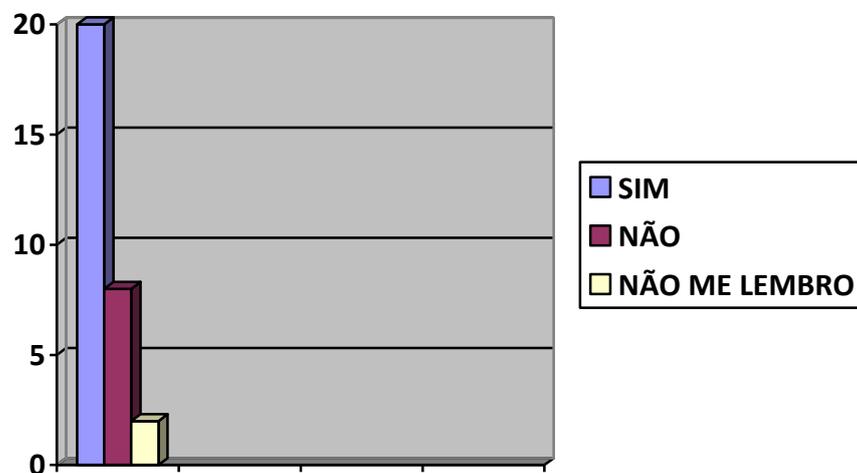
o equivalente a 66,7%, responderam que sim, já presenciaram cenas de racismo; oito pessoas, o equivalente a 26,7% disseram que não e duas, o equivalente a 13,3% disseram que não se lembram.

Tabela 03 - Tens vivenciado situações de racismo em tua escola?

TENS VIVENCIADO SITUAÇÕES DE RACISMO EM SUA ESCOLA?	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Sim</i>	20	66,7%
<i>Não</i>	8	26,7%
<i>Não me lembro</i>	2	6,6%
TOTAL	30	100%

Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

Gráfico 03 - Representação gráfica do quesito de n° 03: Tens vivenciado situações de racismo em tua escola?



Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

No tocante ao **quarto quesito**, este direcionado ao educador: **Como Educador, você realiza no seu ambiente de trabalho alguma atividade antirracista?** Em relação ao quarto quesito, esse direcionado somente para o

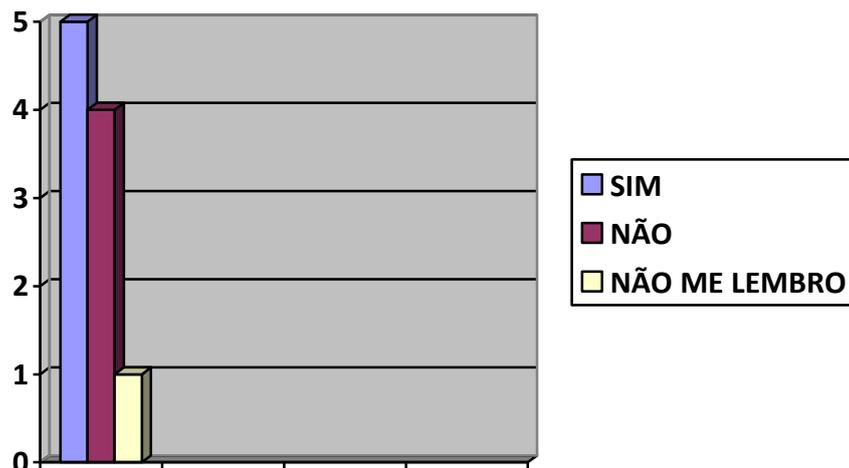
educador, num universo de 10 entrevistados, cinco pessoas, o equivalente a 50% disseram que sim, já realizaram alguma atividade antirracista; quatro pessoas, o que equivale a 40%, o que corresponde a 40%, disseram que não, nunca realizaram nenhuma atividade antirracista e uma pessoa, o que equivale a 10% dos entrevistados disse que não se lembra de ter trabalhado atividade antirracismo.

Tabela 04 - Você realiza no seu ambiente de trabalho alguma atividade antirracista?

COMO EDUCADOR, VOCÊ REALIZA NO SEU AMBIENTE DE TRABALHO ALGUMA ATIVIDADE ANTIRRACISTA?	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Sim</i>	5	50%
<i>Não</i>	4	40%
<i>Não me lembro</i>	1	10%
TOTAL	10	100%

Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

Gráfico 04 - Representação gráfica do quesito de nº 04: Como educador, você realiza no seu ambiente de trabalho alguma atividade antirracista?



Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

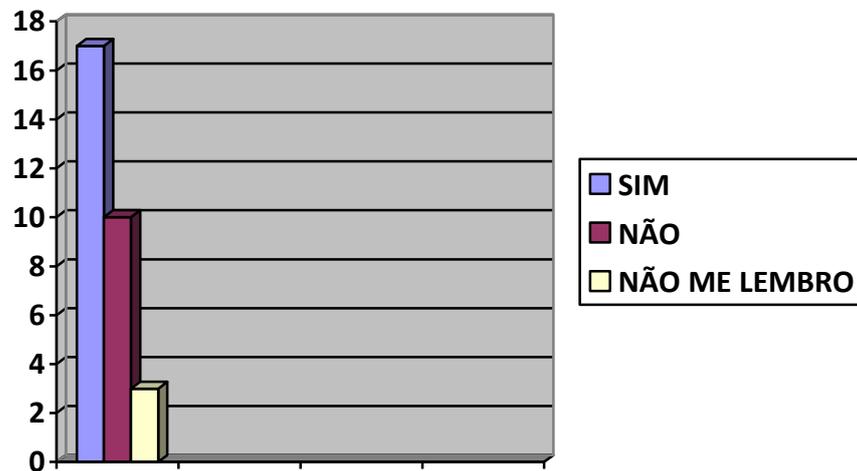
No quinto quesito, **Você já praticou algum ato de racismo no ambiente escolar?** Dezesete pessoas disseram que sim, o que corresponde a 56,7%; dez pessoas, o que equivale a 33,3% disseram que não e três pessoas o correspondente a 10% responderam que não se lembram.

Tabela 05 - Você já praticou algum ato de racismo no ambiente escolar?

VOCÊ JÁ PRATICOU ALGUM ATO DE RACISMO NO AMBIENTE ESCOLAR?	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Sim</i>	<i>17</i>	<i>56,7%</i>
<i>Não</i>	<i>10</i>	<i>33,3%</i>
<i>Não me lembro</i>	<i>3</i>	<i>10%</i>
TOTAL	30	100%

Fonte: Acervo da autora: **Pesquisa exploratória realizada na E.M.E.F.M Antonieta Correia de Menezes município de Pilões-PB**

Gráfico 05 - Representação gráfica do quesito de n° 05: Você já praticou algum ato de racismo no ambiente escolar?



Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

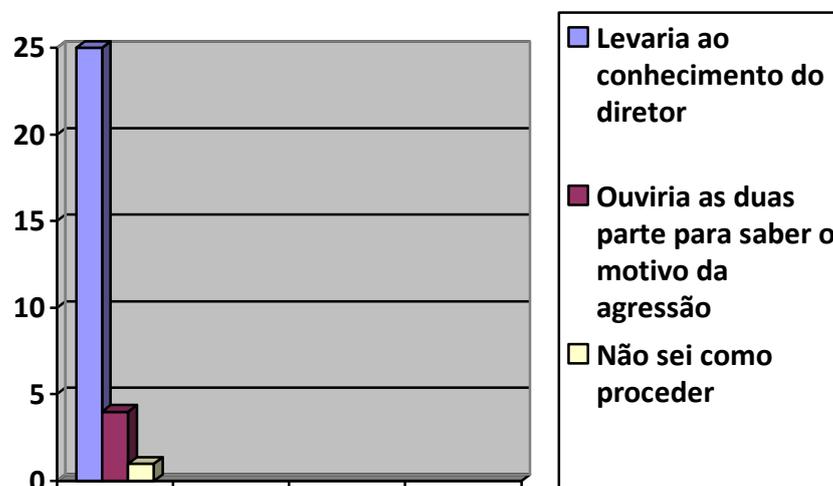
No que se refere ao **sexto quesito**, quando perguntado: **Se você presenciasse um ato de racismo no ambiente escolar, que atitude você tomaria?** Vinte e cinco pessoas, o que equivale a 83,3% responderam que levaria o caso ao conhecimento do diretor; quatro pessoas, o que corresponde a 13,3% responderam que ouviria as duas partes para saber o motivo da agressão e, uma pessoa, o que corresponde a 3,4% dos entrevistados disseram que não sabem como proceder.

Tabela 06 - Se você presenciasse um ato de racismo no ambiente escolar que atitude você tomaria?

SE VOCÊ PRESENCIASSE UM ATO DE RACISMO NO AMBIENTE ESCOLAR, QUE ATITUDE VOCÊ TOMARIA?	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Levaria ao conhecimento do diretor</i>	25	83,3%
<i>Ouviria as duas partes (ofensor e ofendido) para saber o motivo da agressão</i>	4	13,3%
<i>Não sei como proceder</i>	1	3,4%
TOTAL	30	100%

Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

Gráfico 06 - Representação gráfica do quesito de nº 06: Se você presenciasse um ato de racismo no ambiente escolar que atitude você tomaria?



Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

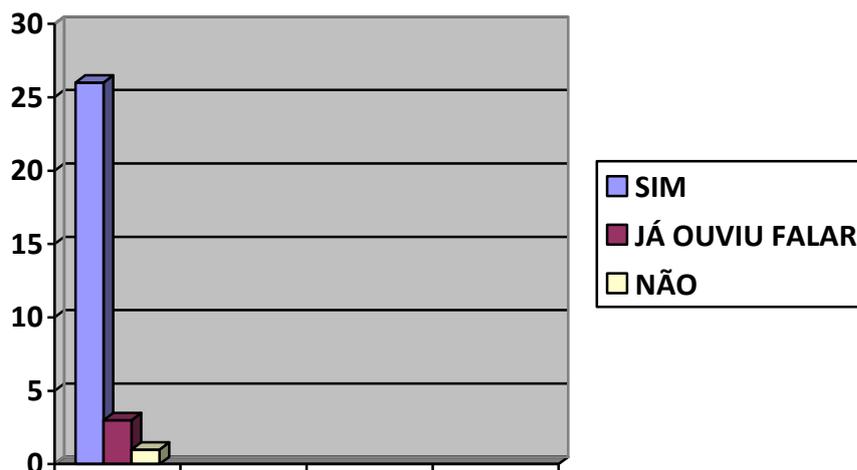
Quanto ao **sétimo quesito**, ao ser interpelado sobre: **Você sabia que racismo é crime?** Vinte e seis pessoas, o equivalente a 86,7%, responderam que sim; três pessoas, o que corresponde a 10% disseram que já ouviram falar e uma pessoa, correspondendo a 3,3%, disse que não sabia.

Tabela 07 - Você sabia que racismo é crime?

VOCÊ SABIA QUE RACISMO É CRIME?	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Sim</i>	26	86,7%
<i>Já ouvi falar</i>	3	10,0%
<i>Não</i>	1	3,3%
TOTAL	30	100%

Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

Gráfico 07- Representação gráfica do quesito de n° 07: Você sabia que racismo é crime?



Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

No que tange o oitavo quesito, **Você tem consciência porque não devemos ter preconceitos com as pessoas?** Em resposta a esse questionamento, 15 pessoas o equivalente a 50% disseram: “Porque todos somos iguais perante a Lei - CF (1988);

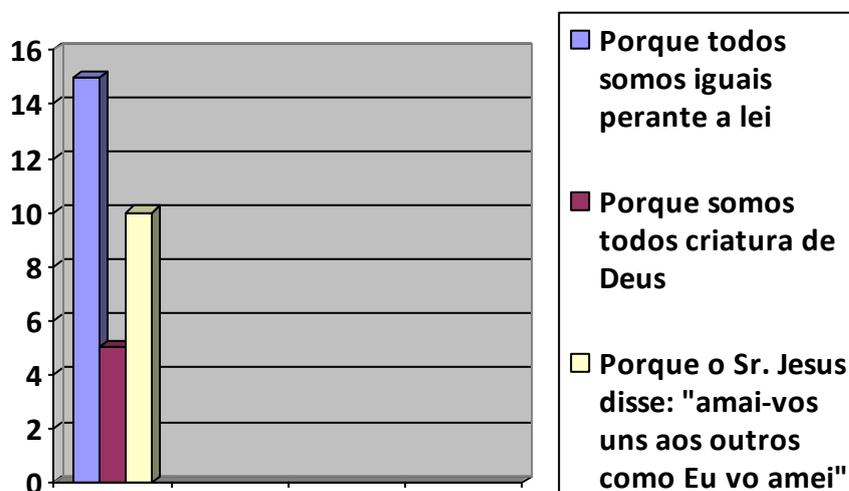
Cinco pessoas o que corresponde a 16,7% responderam: porque somos todos criaturas de Deus; e dez pessoas, o equivalente a 33,3% disseram: Porque o Sr. Jesus disse: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei”.

Tabela 08 - Você tem consciência porque não devemos ter preconceitos com as pessoas?

VOCÊ TEM CONSCIÊNCIA PORQUE NÃO DEVEMOS TER PRECONCEITOS COM AS PESSOAS? JUSTIFIQUE	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Porque todos somos iguais perante a Lei CF(1988)</i>	15	50%
<i>Porque somos todos criaturas de Deus</i>	5	16,7%
<i>Porque o Sr. Jesus disse: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei”.</i>	10	33,3%
TOTAL	30	100%

Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

Gráfico 08- Representação gráfica do quesito de nº 08: Você tem consciência porque não devemos ter preconceitos com as pessoas?



Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

Em se tratando do **nono quesito**: Você se relaciona bem com pessoas de cor? Vinte e oito pessoas, o equivalente a 93,3% responderam que sim, se relaciona bem com pessoas de cor; e duas pessoas, o equivalente a 6,7% dos entrevistados responderam que não, não se dão bem com pessoas de cor.

Tabela 09 - Você se relaciona bem com pessoas de cor?

VOCE SE RELACIONA BEM COM PESSOAS DE COR	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Sim</i>	28	93,3%
<i>Não</i>	2	6,7%
TOTAL	30	100%

Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

Gráfico 09 - Representação gráfica do quesito de n° 09: Você se relaciona bem com pessoas de cor?



Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

No que concerne ao **décimo quesito**: Quais os motivos que levam os jovens negros a não valorizarem a própria identidade racial?

Tabela 10 - Quais os motivos que levam os jovens negros a não valorizarem a própria identidade racial?

QUAL MOTIVO LEVA O JOVEM NEGRO A NÃO VALAORIZAR A PRÓPRIA IDENTIDADE RACIAL?	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Discriminação racial</i>	22	73,3%
<i>Estereótipos</i>	7	23,3%
<i>Auto rejeição</i>	1	3,4
TOTAL	30	100%

Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

Gráfico 10 - Representação gráfica do quesito de nº 10: Quais os motivos que levam os jovens negros a não valorizarem a própria identidade racial?



Fonte: Acervo da autora em Pesquisa exploratória realizada na E. E. E. F. M. Antonieta Corrêa de Menezes situada no município de Pilões-PB.

A presente pesquisa nos revela que 66,7% dos entrevistados entendem que o racismo é uma forma de preconceito racial. Reportando ao que se refere à percepção do racismo na sociedade atual, 60% dos entrevistados disseram perceber quando ocorre algum descaso com pessoas de cor. No que evidencia a vivência de situações de racismo na escola, 66,7%, responderam que sim, que já presenciaram cenas de racismo no ambiente escolar; Direcionando o foco aos educadores no tocante a realização de alguma atividade antirracista no ambiente escolar de trabalho, 50% dos entrevistados afirmara já ter realizado em sala de qual alguma atividade antirracista.

Quanto a uma inquirição reflexiva que envolveu todo o elenco de entrevistados a se reportar sobre a prática do racismo no ambiente escolar, 56,7% responderam que sim, que já praticaram alguma forma de racismo no ambiente escolar. No que atine ao posicionamento a tomar quando se presenciar um ato de racismo no ambiente escolar, 83,3%, responderam que levariam o caso ao conhecimento do diretor escolar.

Racismo é uma maneira de discriminar as pessoas baseado em motivos raciais, cor de pele ou outras características físicas; portanto ao serem questionados se sabiam que a prática do racismo é crime, 86,7% responderam que sim, que tinham consciência de que racismo é crime. Já no que se refere a ter consciência de que não se deve ter preconceito com as pessoas, 50% disseram que sim, pois todos somos iguais perante a Lei (CF). No que concerne ao relacionamento com as pessoas de cor, 93,3% dos entrevistados responderam que sim, que se relacionam bem com as pessoas de cor.

Por último, quanto aos motivos que levam os jovens negros a não valorizarem a própria identidade racial, 73,3%, apontam como principal motivo a discriminação racial.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da fragmentação de raça e etnia estarem intimamente embricados na vida social e na história das sociedades ocidentais, uma vez que o processo de nacionalização das diferenças étnico-raciais, que marcou os séculos XIX e XX, vinculou-se, à restrição do acesso à cidadania a negros, indígenas, mulheres e homo-sexuais.

No passado ou no presente as mais diversas partes do globo, homens e mulheres nunca deixaram de se organizar em sociedade e de se questionar sobre si e sobre o mundo que os rodeia. Nossos antepassados agiam e pensavam de forma muito adversa da nossa. Num passado não muito distante a situação da mulher no Brasil, por exemplo, era bastante distinta da atual. Os costumes de muitas famílias da nossa oligarquia rural exigiam que os pais escolhessem aquele que desposaria sua filha. Hoje as coisas são bem diferentes, e, embora uma série de elementos de diversas ordens interfiram na escolha do parceiro ou da parceira, o desejo individual é representado pela coletividade como decisiva.

Depois de tanto sofrer os estigmas da escravidão e do preconceito, por longos e tenebrosos anos, porque não dizer séculos, o negro aos poucos vem conquistando o seu espaço na sociedade, fazendo ser notado, não pela pigmentação de sua pele, mas pela sua capacidade. Engana-se quem pensa que vivemos numa cultura, apesar de se intitular democrata, onde permeia a igualdade de direitos. Extremismos racistas ainda são realidades em nossa sociedade. Apesar de toda luta da raça negra pela conquista da igualdade racial, vislumbra-se as muitas formas com que o negro abnega a sua cor, como exemplo disso temos a auto rejeição e a rejeição ao outro igualmente a si, são apontados pela sociedade como sendo o racismo negro.

Nessa percepção, pretende-se com este estudo trazer uma proposta de uma educação voltada para a diversidade em que coloca a todos nós, educadores, o grande desafio de estar atento às diferenças tanto econômicas, como sociais e raciais e de buscar o domínio de um saber crítico que permita interpretá-las, para que haja uma identificação e correção ideológica.

Deve-se, portanto, lecionar que pode se viver e conviver com a diferença, e que esta pode ser bela, que a diversidade é enriquecedora e não é sinônimo de

desigualdade, este pode ser o caminho para a reconstrução da auto-estima, da cidadania e da abertura para o acolhimento dos valores das diversas culturas presentes na sociedade, somente como podemos ver o mundo vive de diferentes variações e nós precisamos exercer nosso direito de cidadania e compreender que, dentro dos limites da época e dos direitos humanos, as diferenças devem ser respeitadas e promovidas e não atualizadas como critério de exclusão social e política, afinal as sociedades também estão em fluxo contínuo, produzindo a cada geração novas idéias, novos estilos, novas identidades, novos valores e novas práticas sociais, convivendo e respeitando as diversidades.

Destarte pretende-se com esta pesquisa inculcar na mente do ser humano uma consciência que derrube as barreiras das diferenças raciais e sociais e os converta à prática do amor, sem diferenças, sem acepção de raça, de posição social, de cor e de ideologia.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDIEU, Pierre. **Penso a educação: à escola e a miséria do mundo**. Revista Educação. São Paulo: Segmento, 2008.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis, Vozes, 2008.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília: MEC, 2005.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história. A incrível saga de um país**. São Paulo: Ática, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. (ORG.) **Racismo e anti-racismo na educação: repensando a nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

LARKIN, Eliza. **Gênero e raça: as interfaces**. São Paulo: Summus, 2001

LOPES, N; **O RACISMO explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro; Agir; 2007.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PEREIRA, João B. B. **A Criança Negra: Identidade Étnica e Socialização**. Caderno de Pesquisa. São Paulo, nº 63, Nov. 1987.

PINTO, R. P. **A representação do negro em livros didáticos de leitura**. Cadernos de pesquisa. n. 63, Novembro, 1987. p. 88-91.

Revista Nova Escola: Enfrentamento do **Racismo nas Escolas Municipais** ... das Diretrizes da Educação Básica, que prevê escola para crianças a partir de São Paulo- SP, 2004.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930-1973)**. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

SILVA, A. C. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CED, 1995.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

1) O que entendes por racismo?

a) preconceito racial; b) discriminação racial; c) Falta de amor próprio.

2) Como Você percebe o racismo na sociedade atual?

a) Quando há descaso com pessoas de cor; b) quando faltam com respeito;
c) quando suspeitam de uma pessoa negra.

3) Tens vivenciado situações de racismo em sua escola?

a) sim; b) não; c) não me lembro.

4) Como Educador, você realiza no seu ambiente de trabalho alguma atividade anti-racista?

a) sim; b) não; c) não me lembro.

5) Você já praticou algum ato de racismo no ambiente escolar?

a) sim; b) não; c) não me lembro.

6) Se você presenciasse um ato de racismo no ambiente escolar, que atitude você tomaria?

a) levaria ao conhecimento do diretor; b) ouviria as duas partes para saber o motivo da agressão; c) não saberia como proceder.

7) Você sabia que racismo é crime?

a) sim; b) já ouvi falar; c) não.

8) Você tem consciência porque não devemos ter preconceitos com as pessoas?

a) () porque todos somos iguais perante a Lei (CF – 1988); b) () porque somos todos a imagem e semelhança de Deus; c) () porque o Sr. Jesus disse: “*Amai-vos uns aos outros como eu vos ameí*”.

9) Você se relaciona bem com pessoas de cor?

a) () sim; b) () não.

10) Quais os motivos que levam os jovens negros a não valorizarem a própria identidade racial?

a) () discriminação racial; b) () estereótipo; c) () outra rejeição.

Foto 01 : Fachada da E.E.E.F.M Antonieta Corrêa de Menezes



Fonte: Acervo da Autora